

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
DIRECTOR — Manuel da Silva Campos

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.801

Terça-feira, 7 de Outubro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de Impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A comemoração do 5 de Outubro demonstrou que o povo não está disposto a aplaudir um regime que o entregou, esfomeado e tiranizado, à ganância e à exploração desenfreada das forças vivas

A remodelação de "A Batalha"

E' ainda este mês, que terão lugar as anunciadas modificações de "A Batalha". Realiza-se assim o que prometemos, confiados na já tradicional amizade que, por este jornal, nutrem todos os seus leitores. Quando, nestas colunas, se lançou o apelo aos leitores, tinhamos a esperança de que ele seria correspondido. Fundamentava-se essa esperança na própria existência do jornal que tem sido, até hoje, aquilo que os seus amigos querem que ele seja. Interpretando os interesses e as necessidades dos que o têm só deles e para eles tem vivido.

Realiza-se, como acima afirmamos, ainda este mês, a remodelação do aspecto gráfico de "A Batalha".

Quero isto dizer que, ainda este mês, "A Batalha" se irá transformar a ponto de se tornar aquele jornal amplo, moderno, noticioso, doutrinar, vulgarizando todos os grandes acontecimentos, realizando grandes e dispendiosas reportagens, vividas por enviados especiais, documentadas com todos os elementos indispensáveis, gravuras, desenhos, fotografias? Não.

Ainda não é desta vez que a "Batalha" virá a tornar-se no jornal, no grande jornal que as grandes necessidades da hora excepcional que atravessamos, exigem. Neste modo falamos, primeiro que não temos hábito de mentir aos leitores prometendo-lhe o que se não faz, para lançar numa alegria e num entusiasmo que mais tarde os factos não viriam a confirmar. Segundo, porque partimos do princípio que, tanto os que trabalham neste jornal, como os que o dirigem, como os que o lêem, têm sobre ele grandes e vastas e profundas ambições, que não podem, infelizmente, saciar-se desta vez.

Não vá daqui inferir-se que tomamos perdida a esperança que os seus leitores não tornarão, um dia, a "Batalha" à altura das suas aspirações. Esse dia, que há de chegar, talvez não venha longe. Mentiríamos, contudo, se afirmássemos que ele surgiria já, na roda deste mês.

O apelo a que os leitores acorrem, duma maneira admirável, destinava-se a melhorar o aspecto gráfico da "Batalha" substituindo o seu actual tipo que é antiquado e está gasto por um outro, novo e moderno. E pode dizer-se, com tranqüilo orgulho o afirmamos que o aspecto gráfico do jornal, será ainda este mês, remodelado. A "Batalha" aparecerá dentro de breves dias, remodada.

Ojalá que esse melhoramento, aliás muito importante, não seja o último. Que os leitores não se esqueçam de que só esse grande melhoramento não basta, para que a "Batalha" venha a ser o grande jornal a que todos aspiram.

O nome de Silva Campos, que é o actual secretário geral da C. G. T., substitui na cabeça do nosso jornal o nome do nosso prezado camarada Carlos José de Sousa. De hoje em diante, pois, o principal responsável pela orientação de "A Batalha" e que junto ao jornal procurará interpretar o espírito da colectividade e defender a actividade mais adequada aos seus objectivos sindicais e revolucionários é o nosso camarada Silva Campos.

Isto não quer dizer que se tenha abandonado o critério que levou a organização a pronunciar-se para que o cargo de redactor de "A Batalha" não fosse implicito no cargo de secretário geral da C. G. T. Assumindo a direcção de "A Batalha", Silva Campos fará o primeiro lugar por um caso de força maior, tendo sido a sua nomeação indicada pelo próprio camarada Carlos José de Sousa, que se reconheceu impossibilitado de continuar acumulando os cargos de chefe de redacção e de tipografia deste jornal; em segundo lugar porque, tomando a obrigação de inspirar o porta-voz da organização, não toma conta da parte técnica da redacção, para o

que lhe não sobra tempo das suas funções — como secretário geral. Quanto a essa parte, o pessoal de redacção, que merece a confiança desse camarada, continuará procurando, dar ao jornal toda a sua dedicação e toda a sua boa vontade de acertar.

Silva Campos é pelas suas boas qualidades um precioso elemento para a "Batalha", estando todos os que aqui trabalham convencidos que ele vai contribuir para que haja uma maior unidade de acção e de combate entre a C. G. T. e o seu jornal. Este nosso camarada, escolhido para o espinhoso cargo de secretário geral da C. G. T. num momento difícil da vida operária, tem sabido dele desempenhar-se com inteligência, dedicação e um bom senso em que é inextinguível e se traduz por um espírito de conciliação, de cordura, de lealdade e camaradagem para com todos os confederados, que não poucas vezes tem contribuído para apaziguar dificuldades que dentro do mesmo poderiam tornar-se em perigosas perturbações.

Na "Batalha" a sua acção pessoal há-de sentir-se dum modo salutar. Por várias vezes chegavam até ao comité da C. G. T. reclamações, algumas que podiam ter imediata satisfação, mas que a independência mantida a um redactor principal demorava numa inútil complicação burocrática. Por isto, ainda que não fosse por outras razões, merecia a pena tentar-se a experiência que vai fazer-se, dando a Silva Campos, que é o secretário geral da organização operária, uma interferência directa na orientação da "Batalha" sem o sujeitar ao trabalho absorvente da redacção, que prejudicaria necessariamente o bom desempenho das suas outras funções.

Outro intuito não houve que não fosse o de se conseguir que a "Batalha" cumpra cada vez melhor a missão para que foi criada, motivando por que nos regosijamos pela resolução tomada pelo Conselho Confederal.

A Redacção

Um ataque à Lei de Separação

Publicou há dias a "Epoca", cópia de uma circular distribuída aos habitantes da Golegã, na qual, a propósito da nomeação de um padre para a freguesia da Golegã, se convidam os mesmos habitantes a, segundo as contribuições que pagam ao Estado, pagarem uma percentagem que será estabelecida não sabemos por quem, cuja percentagem constituirá a congrua paróquial.

Vem a propósito perguntar se, porventura, a lei de separação da igreja do Estado já não existiria, pois como a própria circular diz: «pela lei da separação foi proibida a cobrança da congrua».

Pelo que se vê a igreja prepara-se para dar mais uma machadada na lei de separação, que, coitada, de tanto alimarem as arestas, acabará por ficar reduzida a zero; chega até mesmo ao ponto de lançar contribuições, e pela lei que as coisas vão tomando, com movimentos de «forças vivas» etc., dentro em pouco a igreja acabará por absorver o Estado, que foi sempre esse o objectivo da igreja.

E' muito possível que o povo da Golegã se deixe espolar, como é até natural que se fosse uma contribuição para manter uma escola não fosse possível colher um mísero centavo.

Não se julgue que o nosso reparo a mais este ataque à lei de separação é manifestação de jacobinismo nosso ou indignação pelo desrespeito a essa lei. Não. Registamo-lo com grande prazer, pois exultamos sempre que temos ocasião de registar um descuido à lei da C. G. T. Assumindo a direcção de "A Batalha", Silva Campos fará o primeiro lugar por um caso de força maior, tendo sido a sua nomeação indicada pelo próprio camarada Carlos José de Sousa, que se reconheceu impossibilitado de continuar acumulando os cargos de chefe de redacção e de tipografia deste jornal; em segundo lugar porque, tomando a obrigação de inspirar o porta-voz da organização, não toma conta da parte técnica da redacção, para o

C. G. T.

Comissão Revisora de Teses
Reúne amanhã, pela 21.ª hora, para ultimar os seus trabalhos que brevemente levará à apreciação do conselho.

Comité Confederal
Reúne depois de amanhã, pelas 21.ª horas.

Uma condecoração merecida...

Depois de um toureiro, um hoteleiro

Acabamos de ver nos jornais a seguinte notícia:

«Alexandre de Almeida, proprietário de vários hotéis, acaba de ser agraciado com o officialato da Ordem de Cristo, distinguindo assim o governo os serviços prestados ao país pelo conhecido industrial».

Ora até que enfim. Eis uma condecoração merecida. Depois de Maera, o espantoso matador de touros, eis um peito onde deve assentar bem uma insígnia tão honrosa. Muito bem. Depois dum toureiro um proprietário de vários hotéis... «pelos serviços prestados ao país». Nós não podemos de maneira nenhuma deixar de aplaudir tão bela ideia, tão nobre gesto.

Vemos todos os dias o que os jornais, os estrangeiros, os próprios nacionais, dizem da nossa industria hoteleira. Asseio, comodidades, boa comida, honradez, tudo isso existe. Quem vai viajar precisa de se servir dum hotel senão se encaixota. Nem na Suíça!

Insectos vilíssimos dum carrasco chamado «Pós de Keatinge»? Não há nada disso. Pelo contrário se o viajante leva alguns deitinhos de pó de Keatinge, não se dá conta de nada. Camas duras, retreiros infectos, serviço pouco variado e a horas incertas, enfim falta de comodidades para quem viaja? Nem pensar nisso é bom...

Falta de seriedade nas contas, ganância desenfreada? Qual história! A nossa industria hoteleira é única. Ela está sintetizada no senhor Alexandre de Almeida «proprietário de vários hotéis». Por isso bem haja quem foi da ideia de que este «benemérito» devia ser agraciado. Bravo!

E o pobre Jorge Guerner coitadinho, que escreveu uma carta a um escritor francês por este ter ridicularizado num folhetim uma condecoração portuguesa que julgamos ser a mesma...

Não valia a pena o sr. Paulo Osório ter perdido o seu tempo e uma esmaltipla de 25 centimos. Como vê, o tal escritor, coitado lá tinha as suas razões. Qualquer dia veremos os «galileus», o merecido ali do canto, os acambradores, etc., ostentando orgulhosamente na lapela do casaco o distintivo de Cavaleiros da Ordem de Cristo, Torre e Espada ou outra. E tudo isto porquê? — Pelos serviços prestados ao país!

Mas que interessante que isto é, não acham? Pobre Egas Moniz, pobre Gama, pobres bombeiros que arriscam a vida para salvar a do próximo, pobres enfermeiros, pobres benfeitores de asilos e de casas de caridade, enfim pobres de vocês todos cujo fim é o de vos saíremdes pelo próximo! Eis para que serve a vossa honradez, a vossa coragem e abnegação, a vossa filantropia e lealdade. Anónimos, afastados da palhacada infame, não tendes similitude na vossa casaca desbotada, na vossa blusa ou farda tinta talvez do vosso sangue, essas miríades de estrelas nas patas da vaidade humana...

Ao ver a notícia acima sorrir-sei talvez com um sorriso superior, que não se compra, que não se vende, com esse sorriso misto de grandeza e de ironia. Pois bem, fazei mal! Na época em que vivemos, neste tempo de descabimento, de intrinseca, de infâmias e de infâmias, seréis apodados de ridículos e apontados com o dedo.

O mundo ri-se há de vós. Ostentai ao vosso peito as lanfitejas duma condecoração, embora elas sejam compradas a peso douro, de promessas e de aviltamentos, e todos se curvarão à vossa passagem, todas as portas se abrirão, e o vosso nome será pronunciado por todas as bocas...

Assim... coitados! Saídes dos vossos sonhos da Verdade e da Razão, pois esta época não o permite! Condecorações?! Com efeito há-las, mas não para quem julga. Engano! Hoje, um chefe de Estado, um ministro, para a criação dos senatos que os olham, têm a feliz ideia de condecorar os toureiros e os hoteleiros.

O senhor Alexandre de Almeida distinguindo-se «pelos serviços prestados ao país». Nós concordamos! Bravo!

Uma campanha a fazer-se

Agora que a greve dos empregados de hotéis, cafés e restaurantes, que há dias terminou com a submissão dos grevistas que tinham contra si não só a resistência patronal, como também a parcialidade do governador civil que cometeu contra eles uma série interminável de violências, não seria interessante revelar os abusos de que é vítima o público que frequenta estes estabelecimentos?

E havia tanto, tanto que dizer sobre falta de higiene nas cozinhas, o emprego de géneros deteriorados, o aproveitamento dos restos de comidas que são de novo servidos aos freguezes, a falsificação do vinho, o estado anti-higiénico do vasilhame, etc., etc.

Elucidado de como é roubado e envenenado nos grandes hotéis e restaurantes de Lisboa, o público veria que as autoridades que com tanto empenho perseguem os operários que buscam melhorar a sua situação de vida, assistem indiferentes ao roubo de que é vítima o povo da capital.

O VI ANIVERSARIO PRIMEIRA INTERNACIONAL

EVOKA-SE O DESPERTAR DAS IDEAS QUE NORTEIAM A LUTA DA EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES

Perfez, ao certo, em 28 de setembro do ano que decorre, o 60.º aniversário da memorável reunião de Londres, em Saint Martin's Hall que originou a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores. Foi a primeira grande tentativa da classe operária europeia, para agregar todas as tendências e correntes do recente movimento de todos os países, numa poderosa federação, com o fim de libertar o trabalho escravizado, do jugo do capitalismo.

A Internacional não surgiu dalguns cérebros privilegiados, não nasceu das ideias dalguns eleitos, mas das massas operárias e formou-se de acordo com os seus desejos e necessidades.

E' certo que o pensamento duma associação internacional dos trabalhadores de França e de Inglaterra, existia já nos anos de 1830-1850, mas o golpe de Estado de Napoleão III e a reação que se desencadeou depois da queda de Napoleão, em 1848-1849, fizeram esquecer esses planos. Mas, depois de 1870, um novo movimento na Europa e a classe operária começou a reafirmar-se dos duros golpes que havia sofrido, reuniram-se de novo o pensamento duma associação internacional dos trabalhadores, que em 1864 passou a materializar-se.

No mesmo sentido se realizou também a evolução espiritual da Internacional. Essa evolução não brotou dos estudos dos sábios, mas das lutas práticas da vida cotidiana.

Se as resoluções dos seus primeiros congressos, Ginebra (1866) e de Lausana (1867) eram, todavia, inseguras e moderadas, as duras lutas dos anos seguintes foram a melhor escola dos trabalhadores para indicarem-lhes em que direcção tinha de se operar a sua definitiva emancipação.

As resoluções dos congressos de Bruxelas (1868) e de Bzileia (1869) revelam-nos a Internacional no ponto culminante do seu desenvolvimento espiritual. No congresso de Bzileia, o belga Hins desenvolveu a grande ideia da unidade política das comuna e a reorganização económica por sindicatos. «Essa dupla forma de organização das associações operárias locais e das uniões gerais de industria — afirmou Hins — resultará, por uma parte, da administração política das comuna e, por outra, a representação geral do trabalho regional, nacional e internacionalmente. Os conselhos das organizações de officio e de industria suplantarão o governo actual, e essa representação do trabalho dissolverá, duma vez para sempre, todos os velhos sistemas políticos do passado».

Este novo e fecundo pensamento correspondia a convicção de que toda a nova força económica da organização social deve implicar também uma nova forma de organização política e que só nos quadros desta pode realizar-se. Por esse razão o socialismo deve aspirar também a uma expressão política especial, dentro da qual possa aparecer. Imaginou-se ter encontrado essa fórmula no sistema dos conselhos operários.

Os trabalhadores dos países latinos que foi onde encontrou a Internacional o seu principal sustentáculo, desenvolveram o seu movimento sobre a base da organização económica de luta e de grupos de propaganda socialista, e actuaram de acordo com as resoluções de Bzileia. Como viam no Estado o agente politico e o defensor das classes privilegiadas, não aspiravam de nenhum modo, a conquista do poder politico, mas a abolição do Estado e do poder politico, sob todas as suas formas, pois consideravam nele, com seguro intuito, a condição prévia de toda a tirania e exploração.

Por estas razões não pensaram em imitar a burguesia, fundando um novo partido, e abrindo desse modo, a passagem a uma nova classe de políticos profissionais. O seu objectivo foi a conquista da terra, das fabricas e das oficinas. Reconheciam facilmente que esse objectivo diera substancialmente da política da burguesia radical, cuja actividade, estava dirigida, integralmente, a conquista do poder do Estado.

Compreenderam que o monopólio do poder tinha de cair com o monopólio da propriedade, e que se havia de edificar a vida social, que a opressão do homem pelo homem tinha tido a sua época, trataram de dar vida à ideia da administração das coisas. Assim opuseram a politica económica do trabalho à politica governamental dos partidos. Compreenderam-se que a reorganização da sociedade no sentido socialista deve ser iniciada nas oficinas e nas industrias e dessa opinião, nasceu a ideia dos conselhos (soviets).

Em reuniões, na imprensa e na literatura da liberdade, a Internacional que se agrupava em torno de Bakounine, essas ideias foram defendidas e profundadas.

A tendência libertária da Internacional compreendeu perfeitamente que o socialismo não pode ser ditado por nenhum governo, mas sim que tem de desenvolver-se de baixo para cima, organicamente, do povo laborioso e que os trabalhadores deviam tomar, por suas mãos, a administração da produção e do consumo. Foi esta a ideia que se opoz ao socialismo de Estado de todas as escolas e tendências. E, essas divergências entre o centralismo e o federalismo, essas diversas concepções sobre a missão do Estado, como factor de transição ao socialismo, estabeleceram o

monumento tem gravadas as palavras de Pelloutier que acima citamos.

Contra os exploradores do povo

Uma sessão de protesto promovida pela U. S. O. de Lisboa

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa realça amanhã, uma sessão de protesto contra as pretensões das «forças vivas». Nessa sessão far-se-á representar a Federação Nacional das Cooperativas.

A organização gráfica vai despertar

O que nos disse um antigo elemento dos encadernadores

A "Batalha" interessa principalmente os trabalhos de organização e, encontrando o camarada Delfim de Sousa Pinheiro recordando-nos do compromisso que tomara de nos dizer o que pensa sobre a importância da organização gráfica.

—Então, camarada, como decorrem os trabalhos da vossa federação?

—Bem, felizmente. Em todos os sindicatos gráficos os seus elementos acorrem a prestar o seu concurso e assim, de esperar que a próxima conferência inter-sindical gráfica de Lisboa corresponda em importância e em utilidade aos objectivos dos seus iniciadores.

—Pode dizer-nos que objectivos?

—São vários. Em primeiro plano figura o robustecimento da organização gráfica e papelaria porque sem uma forte organização não se podem alcançar as necessárias reivindicações.

—A conferência é constituída por delegados das oficinas, interessa portanto, directamente, os vários grupos de produtores; uma vez que se aprove a criação do conselho técnico ingressam, portanto, na organização muitos e vários elementos que se vão tornando para o conhecimento exacto das necessidades que há a atender.

Em seguida convocar-se-ão outras conferências: Pôrto, Tomar, talvez Coimbra...

—Far-se-á a necessária propaganda no sul. Não perderemos de vista as fabricas de papel cujo pessoal vive em condições tão deploráveis que até são inadmissíveis.

—Então, é preciso fortalecer a organização gráfica em todo o país e as facilidades para esse empreendimento hão-de sair das conferências inter-sindical gráficas.

—O Gráfico...

—A publicação dele é o melhor elemento para esse trabalho e só as conferências lhe podem criar condições de vida. — A casa sindical gráfica...

—E' outra aspiração justa e vantajosa. Só quando os sindicatos gráficos possu-

os respectivos delegados, para bem poder desempenhar-se da sua missão.

Silvério dos Santos, também delegado da Federação histórica o passado da organização corticeira, afirmando que ela tem demonstrado honras. Porém a organização do Pôrto e Gaia e Lamas da Feira nunca soube cumprir com o seu dever, e por isso exorta os corticeiros do Pôrto e Gaia a filiarem-se no respectivo sindicato, comparando também a todas as reuniões, habilitando assim os militantes a desempenharem o seu papel.

Alarga-se em considerações de ordem profissional e dá explicações sobre as teses a apresentar ao Congresso, dizendo que todos os corticeiros as devem ler, estudar e discutir, para que o respectivo delegado possa cabalmente desempenhar-se da sua missão, e termina aconselhando os corticeiros do Pôrto e Gaia a organizarem-se fortemente.

Segue-se Joaquim do Carmo, secretário geral do comité do norte da Federação Marítima, que salda a Federação Corticeira e diz que os corticeiros do Pôrto e Gaia têm de tomar um novo caminho e devem olhar com mais atenção para a maneira despótica como são tratadas nas fabricas as suas companheiras.

José Pedro Lourenço, em nome da comissão administrativa, salda as Federações Corticeira e Marítima, e apela para todos os camaradas presentes afim de fazerem a máxima propaganda dentro das fabricas para que todos ingressem no sindicato.

Fôram aprovadas moções para que se intensifique a propaganda; para que se trate imediatamente do horário de trabalho e da reclamação de aumento de salário; confirmar a adesão ao congresso; saldar a Federação Corticeira e comissão organizadora do congresso e dar plenos poderes ao delegado para o desempenho da sua missão.

Foi confirmada a nomeação de José Pedro Lourenço como delegado ao congresso e para a comissão administrativa nomearam-se Arnaldo Sampaio e Domingos de Sousa.

Prégado a revolta

A "Epoca" que é toda pela ordem e pelo cumprimento da Lei, todo ele se baba de gôso pelo facto dos comerciantes se colocarem em revolta aberta contra uma lei do país, boa ou má, em todo o caso uma lei.

Ora a "Epoca" que é toda disciplina e ordem, devia aconselhar o cumprimento da lei, embora ela seja inepta e custosa de cumprir, e isto por dois motivos: 1.º porque esse jornal se diz defensor da ordem e depois porque também se diz defensor das cinco chagas de N. S. J. C. — do suavissimo Cristo que prego sempre o sacrificio, a humildade e nunca a rebeldia!

E' claro que na sua reportagem do movimento de protesto das «forças vivas» contra o selamento dos liquidados engratados não há uma palavra clara de incitamento a rebeldia, mas esse incitamento salta aos olhos para quem souber ler nas entrelinhas.

De resto são sempre assim os processos jesuíticos: tortuosos e colantes como a célebre serpente, simbolo bíblico da traição e que eles tanto dizem abominar.

Uma sessão dos corticeiros do Pôrto e Gaia

PORTO, 4. — A convite da delegacia de propaganda do III congresso da industria, reuniram os operários corticeiros do Pôrto e Gaia em sessão magna, presidida por Rui Leal e secretário Domingos de Sousa e Mário Filipe.

Fôram em primeiro lugar José Amores, da Federação Corticeira, que lamenta a forma como os corticeiros do Pôrto e Gaia se encontram, devido à sua desorganização. Diz que há muito a fazer devendo começar-se por reclamar melhoria da situação económica e o horário de trabalho que a todo o momento deve defender, julga que os operários corticeiros do norte têm de olhar mais a sério pela sua situação, afirmando que só uma forte organização dos trabalhadores pode evitar a continuação dos crimes que as classes predominantes cometem. Refere-se ao próximo congresso corticeiro, dizendo que todos os operários da industria devem procurar dar-lhe a maior vitalidade, nomeando

Teatro Politeama

EMPRESA LUIS PEREIRA

HOJE
E
TODAS AS NOITES

O HOMEM DO PAPAGAIO

Graciosa
e jocosa
comédia
recheada
de espírito
e alegria

O ANIVERSARIO DA REPUBLICA

AS FESTAS COMEMORATIVAS DECORRERAM SEM ENTUSIASMO,
SENDO EM TODAS MINIMA A CONCORRENCIA POPULAR

As festas comemorativas do 14.º aniversário da implantação da República que se efectuaram nestes três últimos dias—sábado, domingo e segunda-feira—foram fronsas e decorreram sem entusiasmo.

Houve a costumada recepção em Belém, um cortejo cívico, uma manifestação ao cemitério, várias jantaras de confraternização... republicana, distribuição de bodes, iluminações e muito foguetório e morteiros. De todas essas festas o povo se desinteressou absolutamente, excepção feita ao simulacro de incêndio que foi, sem contestação, o número mais interessante das festas e que atraiu ao Rossio milhares de pessoas. Os bombeiros de Lisboa demonstraram mais uma vez a sua pericia e o seu arrojo pelo que são merecedores do nosso caloroso louvor.

Uma parada militar

4 de Outubro! Data gloriosa nos annos da História Portuguesa! Vai comemorar-se o décimo quarto aniversário da nossa feição, do nosso bem estar, da nossa liberdade!... São quinze horas da tarde. A multidão apinhada, acotovelada, bulinhando de prazer e de alegria. No nosso Campo de Marte, isto é na Avenida da Liberdade, entrecruzam-se numa ansia homérica, pisam-se, insultam-se... as cabeças de vellos, loiros cabeleiros de crianças aos ombros dos pais, confundem-se numa promiscuidade interessante com os milhares de vistosos chapéus das nossas mães, das nossas noivas, das nossas irmãs, parecendo ao longe as vagas dum oceano encapelado mas não traído.

O calor sufoca os peitos ressequidos, as avessadas chilreiam nos ramos finos de paz e de amor, em todos os olhos se nota essa ansiedade duma multidão hysteroténica, esperando impacientemente o começo do espectáculo que lhes é dado gozar nesse dia.

Santa aurora! Nos teus raios do metal reluzente, trazas a visão duma epopeia única no mundo. 4 de Outubro! Santa liberdade e fraternidade, repara como os olhos avidos desta multidão te recebe, te acolhe, num borborinho épico, como quem espera a luz redentora.

Silêncio! O som de um clarim acaba de fazer vibrar a atmosfera, com seus acordes guerreiros. Sentido! Os olhos espantados dessa serpente humana que te estende do Terreiro do Paço à Avenida da República, derrege faixas de desejos, de alegria e de orgulho.

De alguns olhos que o frio do túmulo ainda não veio cegar, serpenteiam comovidamente algumas lágrimas. As crianças riem, batem as palmas num frenesi fantástico, as senhoras agitam delirantemente os lenços e o sol parece brilhar com mais força. Todos os olhos convergem para o alto da Avenida...

Nisto a mola retida durante muito tempo rebenta com um fragor impossível de descrever. De milhares de bocas, de milhares de peitos, resoa um clamor intenso, um entusiasmo nunca visto. São as primeiras tropas que passam em frente do camarote presidencial!

Sentido! Um silêncio estranho invade a multidão. Os olhos abrem-se ainda mais, os peitos comprimem-se, as lágrimas brinham nas gargantas ressequidas dos velhos, das mulheres e das crianças...

A cavalcada começa. Desfile imponente, digno da pena de Homero. Eis a infantaria com garbo nunca visto. Vinte e cinco mil homens passam sob os olhos elucidos do povo. Eis a cavalaria... pomposa nos seus uniformes, digna, vistosa nos seus rocins. Que lindos! A artilharia... eis-las! Duzentas bocas de fogo passam num tropel fantástico, puchadas por fogos corcéis. Um pai explica ao filho:

—São os 75. Foram estes bocados de bronze e aço que salvaram a nossa honra, o nosso prestigio nas plácidas incógnitas da França. Aprende a venerar o meu filho. O borborinho recomeça. Há já duas horas e meia que desfila perante os olhos extasiados da multidão aquela cobra cinzenta que parece não ter fim. Algumas centenas de aeroplanos pairando sobre Lisboa inteira, mostram a todos os olhos que o português ainda sabe erguer bem alto a bela Cruz de Cristo.

Mas que delírio, que febre é esta que sacode nervosamente as dezenas de milhares de assistentes. Os rostos coram de alegria, algumas senhoras, algumas miseráveis mesmo desfilam de comição. E a Guarda... mas a Guarda Republicana de Napoleão, que tem por dever de entender-se contra os ladrões, contra os assassinos, contra os opressores.

Elas, o sol desce no horizonte. Nenhum rosto mostra o mínimo sinal de fadiga. Passa o último resto de tropas. A multidão resplandece de contentamento e de todos os peitos brota um «hurra!» formidável. O eco diversifica-se em tornar mais sonoras e eleva os confins do mundo este brado de dezenas de milhares de almas saciadas de glória.

Há quem pergunte se já não há mais...

Manes, antepassados gloriosos, Camões, Gama, Cabral, erguei-vos da vossa última morada e contemplai o porvir da Pátria Portuguesa!

Glória ao dia 4 de Outubro, santificado em todos e para todos os tempos! Salve!

Nota do reporter.—Não assistimos à parada... mas pelas reportagens sensacionais lidas nos outros jornais, julgamos que tudo se deve ter passado como acabamos de expor.

A romagem ao cemitério do Alto de São João

Como fôra anunciado, realizou-se no domingo, pelas 15 horas, a romagem do P. R. Radical aos covais dos mártires da República no cemitério do Alto de São João, que foi bastante concorrida. Partindo do Rossio, seguiu pela Travessa de São Domingos, rua da Palma, Largo do Intendente, Almirante Reis, Arroios e Morais Soares, tendo em suas pequenas paragens em frente da igreja do Socorro, local onde fora dado o primeiro sinal da última tentativa revolucionária; nos pontos onde foram assassinados Machado Santos e Almirante Cândido dos Reis.

A abrir a romagem ia a bandeira do Centro Republicano Radical, seguindo-se várias pessoas de destaque no partido, membros do directório, Junta Consultiva, comissões municipais, distritais e políticas assim como representantes de todos os organismos partidários, seguindo-se uma multidão de radicais e republicanos que, não estando filiados, estão, contudo em espírito com o partido radical.

No cemitério o primeiro túmulo a ser visitado foi o de Cândido dos Reis, falando os srs. Xavier Pereira, Rita Simões e António Joaquim de Magalhães, seguindo o cortejo às sepulturas do almirante Machado Santos, de Buíça e Alfredo Costa, discursando Ciseiros de Faria e Magalhães, dos anónimos que foram mortos na noite de 4 de Outubro.

Dirigiram-se depois para a campa do sargento Marmelada, ferido mortalmente em 10 de Dezembro de 1923, junto do palácio da presidência em Belém, usando da palavra o tenente-coronel sr. Taveira e o irmão do falecido.

Foi visitada a sepultura de Jaime de Figueiredo, Armando dos Santos e Joaquim Estrela, vítimas da explosão de bombas na C. G. T. em 29 de Dezembro de 1921, discursando Armando Martins e outros.

Por último, os manifestantes foram à campa do marinheiro Manuel Braz de Figueiredo, morto pela polícia na calçada da Glória em 10 de Outubro de 1923.

—Junto da campa de Buíça, foi alvado tirar-se uma subscrição para Manuel Augusto da Costa Buíça, filho do assassinado, que rendeu 511\$15.

A que se resumiram as comemorações

A Junta da Freguesia de Arroios distribuiu um bôdo aos pobres, constando de 5800 a cada.

—A Junta da Freguesia de São José distribuiu um bôdo aos pobres da sua área no total de 1.500\$00.

—A Junta da Freguesia de São Julião distribuiu pelos pobres mais necessitados da sua freguesia a quantia de 1.000\$00.

—O Centro Almirante Reis, festejando o aniversário da República, ofereceu um «lunch» às crianças que frequentam a escola mantida por este centro, tendo realizado à noite uma sessão solene.

—No Centro Bernardino Machado foi distribuído aos alunos da escola um «lunch», seguido de uma sessão solene, onde usaram da palavra vários oradores. Durante a festa fez-se ouvir um grupo musical.

—No Centro Escolar Dr. António José de Almeida houve distribuição de prémios aos alunos da escola que mais se salientaram no ano escolar findo. À noite realizou-se uma «soirée».

—O Centro Fernão Botto Machado, solenizando o advento da República, distribuiu um bôdo a 100 pobres da Freguesia de Monte Pedral. Às 14 horas realizou-se uma sessão solene, onde usaram da palavra alguns vultos em destaque. À noite realizou-se uma «soirée» tendo a Orquestra Rosa, executado alguns trechos de música do seu repertório, e abriu uma quermesse.

—Um grupo de moradores da freguesia dos Mártires, comemorando a passagem de mais um aniversário da República, fez um bôdo a cinquenta pobres, de alguns quartéis de bombeiros foi distribuído um bôdo aos pobres das respectivas freguesias.

—Na explanada do Jardim de São Pedro de Alcântara, prosseguiram as festas, promovidas pelas Juntas de Freguesia, Mercês e Encarnação.

—Pelas 18 horas realizou-se um cortejo que partiu do Terreiro do Paço em direcção à Rotunda, tendo-se incorporado os carros alegóricos que se achavam em exposição no Terreiro do Paço.

Seguiu pela rua Augusta, Rossio, Largo D. João da Câmara e avenida da Liberdade, onde era aguardado pelo Chefe do Estado e entidades oficiais. Em frente da tribuna as bandas que se encontravam ao cortejo, entoaram a Portuguesa, sendo nessa altura ouvidos muitos vivas à República Radical e à classe trabalhadora.

—Pelas 21,30, realizou-se um simu-

AS GREVES

Operários da Construção Civil

Os grevistas da obra de Joaquim Brás, da rua n.º 1 no Bairro Lamosa, reuniram ontem e resolveram dar como terminado o movimento em virtude de estarem dispostos a nunca mais trabalhar com tal indivíduo.

Avisam, porém, qualquer camarada que para aquela obra vá trabalhar que se acautele com o mestre, pois que este é bastante vingativo, não vem com bons olhos aqueles que não querem trabalhar de regra da construção, defeito que tal indivíduo tem.

Barbeiros

NOTA DO COMITE

Camaradas:—O Comité, apreciando a conduta nobre e altiva como todos se têm mantido após 12 dias de luta, é com júbilo que salda a classe em geral, embora houvessem alguns elementos derrotistas que a classe soube rechegar, por ver neles objectivos da derrota do movimento, apenas para defenderem os seus interesses individuais.

Em face de, na reunião dos lojistas, estes se comprometeram a aceitar as nossas reclamações, principalmente as de carácter moral, e estabelecendo ordenado de 20\$00 diários, ou seja 140\$00 semanais, e respeitar os que maior salário usufruam, este comité aconselha a retomarem o trabalho, ficando vigilantes, e fiscalizar o cumprimento tomado pelos lojistas se é ou não conforme o deliberado por eles.

Este comité espera que no prazo de oito dias todos os camaradas sejam sindicados, caso contrário agirá conforme entender.

Na falta de cumprimento de todas as reclamações, serão responsáveis patrões e operários, não se admitindo evasivas de espécie alguma, pois quem não for por nós é contra nós.

Este comité espera não ter motivos para voltar a agir, e está vigilante. Viva a vitória da classe!

Viva a organização operária!
Viva a Batalha!—O Comité.

Capitães dos vapores de pesca

NOTA OFICIOSA

Camaradas:—Lamentável é dizer-lo, mas os senhores armadores não querem ter o gesto, que os dignificaria, de entregarem o que é de justiça aos capitães. A comissão de demarches não tornou a ser chamada, mas aguarda que os srs. armadores o façam a fim de ouvir mais uma vez as suas intuições. Entretanto este comité, comunicando-vos que a vitória está assegurada, espera que todos os camaradas mantenham a firmeza tida até aqui. Que o nosso grito continue a ser o de Viva a Greve! Viva a Federação Marítima! Viva a Batalha!

Polidores de mármore da oficina da viúva de António José Moreira

Da Secção Profissional dos Canteiros e Polidores de Mármore recebemos a seguinte nota:

«Encontram-se em greve os operários polidores de mármore da oficina da viúva de António José Moreira em virtude não terem sido atendidos na sua reclamação de aumento de salário. Apesar dos operários em referência visarem apenas ao cumprimento da tabela de salários elaborada pela associação dos proprietários de oficinas de canteiro, e que é de 20\$00 para polidores e 22\$00 para canteiros, quando a do Sindicato é de 24\$00 e 25\$00 respectivamente, necessário se torna que nenhum polidor vá trabalhar para a referida oficina em quanto não estiver solucionado o conflito.

Aos canteiros que na mesma oficina trabalham incumbem tomar uma atitude mais conforme com a dignidade e a solidariedade dos trabalhadores, pois não faz sentido que, quando os polidores se lançaram em luta para, como é de justiça, fazerem prevalecer as suas reclamações, tivessem ficado a trabalhar porque o mestre lhes dá todos os dias cinco litros de vinho com o qual os vai embriagando para mais facilmente os explorar».

A MULHER DE LUTO
(EM VERSO)
por GOMES LEAL
2.ª edição ilustrada
Preço 20\$00, pelo correio registado 22\$
Pedidos a
Administração de A Batalha

lacro de incêndio no prédio onde está instalado o Francisco Hotel, no Rossio, esquina da rua da Belem. Dada a explosão, compareceu dois minutos depois o material dos bombeiros. Nas janelas do 1.º andar, estava uma senhora a apitar, e ao mesmo tempo era acendido um projectil encarnado que dava a impressão de labaredas. Os bombeiros municipais e voluntários, trabalhando rapidamente, içaram três escadas «magras» e duas mangueiras de salvação por onde foram lançadas algumas pessoas.

Depois dos bombeiros terem retirado as escadas dá-se nova explosão no 4.º andar, vindo-se novamente as labaredas. Quatro bombeiros, vendo que já não tinham meio de salvação, deram um pulo para a rua, tendo caído em cima de umas telas que estavam para esse fim armadas.

Em frente do citado prédio, achava-se armada uma tribuna, onde presenciaram o exercício o Chefe do Estado e várias entidades oficiais.

A MARINHA MERCANTE

A Associação de Classe dos Inscritos Marítimos vai trabalhar pela completa higiene nos navios

Há campanhas que, tanto pela oportunidade como pela justiça que as caracterizam, se impõem logo no seu começo à opinião pública e conseguem triunfar de todos os obstáculos que lhes são opostos. É uma dessas campanhas que hoje iniciamos.

Os trabalhadores marítimos não podem estar durante mais tempo à mercê do acaso nessas perigosas viagens que fazem, no exercício de uma profissão aos portos das colónias africanas.

A sua saúde corre perigo mil, a sua própria vida anda exposta e ninguém está seguro de que numa emergência difícil pode ocorrer-se de elementos que os progressos da medicina e da cirurgia vieram pôr ao alcance de toda a gente. Referimo-nos aos numerosos navios da nossa marinha mercante, que fazem viagem para os portos de África sem levar a seu bordo um médico, ou, ao menos um enfermeiro, cujos serviços profissionais são indispensáveis em todos os locais de trabalho!

Desde há muito que chegamos até nós as mais acres queixas contra as respectivas empresas de navegação; vários protestos têm sido feitos, contra o descaço que essas mesmas empresas manifestam pela saúde e pela vida dos seus empregados; mas nunca foi feita nada em público; ninguém teve, até agora, o desprendimento de tomar qualquer iniciativa tendente a dar aqueles protestos e queixas a viedência e o carácter de campanha, que de certo venceria tanto a desidia das empresas de navegação como o nenhum interesse que é votado pelas autoridades sanitárias da República Portuguesa a assuntos de tão grande magnitude.

A Associação de Classe dos Inscritos Marítimos Portugueses (Pessoal de Cámaras), sem querer, contudo, reservar-se o direito absurdo de se a única entidade a tratar deste assunto, vem levantar pela coluna de A Batalha, essa campanha, cuja necessidade tanto se fazia sentir; e espera que os demais organismos e todos os trabalhadores marítimos lhes deem a solidariedade necessária para a consecução duma prerrogativa que, sobre o que tem de justiça, a não ser atendida pelos armadores, a quem nos dirigimos, daria ensejo de se conhecer, em particular e em geral, o grau de humanidade que os sentimentos da classe patronal atingiram durante este século de civilização, que transcorre e nos vai deixando tantas desilusões...

Reclama-se o estabelecimento de postos de socorros a bordo de todos os navios mercantes

A ocorrência havida no vapor «Silva Gouvea», um dos barcos da «Sociedade Geral Comércio e Transportes», na última viagem que fez ao porto da Guiné, veio dar, por assim dizer, maior força moral a aqueles que haviam decidido reclamar o estabelecimento de postos de socorros a bordo de todos os navios mercantes.

Assolada toda a tripulação por febre o dito vapor viu-se forçado a arribar ao porto de Lisboa precipitadamente quando seguia viagem directa para os portos do Norte da Europa. Aqui, após a sua chegada verificou-se que trazia a seu bordo a terrificante doença de morte. Tão logo tinham a impressão de viver

numa época de pestilência, que, como aquela que após a guerra, parecia diminuir as vidas de toda a gente.

Toda a tripulação sem excepção de qualquer que exerça o mais ínfimo lugar a bordo se sentia possuída pela terrível febre. Desde as inóspitas regiões de África até ao continente, deprovidos de todos os recursos da ciência, aqueles criaturas se debateram entre os mais atrozes sofrimentos e a incerteza da gravidade do próprio mal... Era, então, tão intensa a febre que a todos dominava.

Sim... e a morte inevitável do cosinheiro do navio, e, simultaneamente, o atestado daquela epidemia e da razão de todos os protestos e reclamações que se têm feito e que ainda podem surgir.

Joaquim Poçinho assim se chamava o cosinheiro do vapor, cuja morte se pôde atribuir, sem medo de dementado à carência de recursos medicinais deve ser para todos marítimos de longo curso como uma proclamação e incentivo.

É necessário defender as nossas vidas contra possíveis e prováveis males! Como o vapor «Silva Gouvea» é a «Melo, Pinhel» e outros mais navios que navegam com avultadas tripulações e número elevado de passageiros sem a indispensável assistência hospitalar.

Navios como o Belas, Caravelas, Sheridan, Sines, Maria Cristina, Dajaba, Vila Franca, Ligeira, Gonçalo Velho, e outros que fazem as suas viagens para os portos do norte da Europa sujeitos a todas as enterreiras naturais durante a passagem do Mar da Mancha onde já bastantes casos graves se têm verificado dos ditos navios, estão chamando a atenção das autoridades sanitárias.

Como acima dizemos entre tantos navios um há que se chama «Melo» que está em véspera de partir para uma viagem de 5 a 7 meses, e antes de todos, aquele no qual se deve estabelecer o precedente.

A classe de câmaras no seu espírito humanitário quer que o dito navio leve a seu bordo como é de justiça um enfermeiro. A tal pretensão se opõe o sr. Silva, empregado gerente da secção marítima da dita Sociedade Geral... alega este sr. que os navios não devem ser comparados a asilos ou hospitais.

Como este sr. não queira atender às nossas preceções aliás de toda a justiça, pretensões que se resumem apenas a que o navio não saia para o mar sem que leve para essa viagem um enfermeiro para olhar pelas vidas dos tripulantes... há 20 dias pouco mais ou menos dura um conflito entre esse sr. e a tripulação do mesmo vapor.

Navios carregueiros como este, é um nunca mais acabar, para o que se chama a atenção devida das autoridades sanitárias.

Portalemos e intensifiquemos esta justa campanha!

Lutemos pelo saneamento dos navios das grandes e pequenas empresas de navegação!

Muito brevemente trataremos a publicidade alguns casos bem graves para os marítimos de Longo Curso, Fluviais e o público em geral ajuizem da justiça que nos assiste.

A Comissão Administrativa da Classe dos Inscritos Marítimos (Pessoal de Câmara).

As perseguições policiais

Presos que repudiam a acusação de bombistas

Escrevem nos Herminio Alves Lobo António Sousa Moraes, criados de cozinha, para que tornemos público a arbitrariedade de que estão sendo vítimas a pretexto dum delito que afirmam não terem cometido.

Em 17 do mês findo, hora e meia depois de ter rebentado uma bomba no Café Royal, foram presos como supostos autores do atentado e conduzidos para a esquadra do Caminho Novo, onde estiveram incomunicáveis 14 dias, e tendo transitado para o governo civil, aqui se encontram há 7 dias, sem serem interrogados e inibidos por parte de demonstrarem a sua inocência.

Uma manifestação de P. R. Radical aos presos de São Julião e Trafaria

Na ponte da Parceria dos Vapores Lisboenses, embarcaram ontem pelas 13 horas, a bordo do Europa e do Formiga, os membros do directório do P. R. da comissão organizadora da visita, de todas as comissões políticas de Lisboa e arredores, acompanhados por inúmeros correligionários e outros indivíduos de diversas tendências políticas e filosóficas, a fim de irem visitar os presos que se encontram em São Julião da Barra e na Casa da Reclusão de Trafaria.

O sinal de partida foi dado por três morteiros lançados no Cais do Sodré. Imediatamente a multidão encaminhou-se para os barcos, vindo-se uma grande bandeira empunhada por um elemento radical, seguido por muitos outros. Os barcos que estavam embaixados em arco, tendo já a bordo centenas de passageiros fizeram-se ao largo, tomando a direcção dos vapores de guerra que estão no Tejo, onde foi feita uma carinhosa saudação às suas tripulações, e depois diversos vivas ao Partido e à próxima revolução radical, tudo sempre no meio do maior entusiasmo, acompanhando essas manifestações o rebentar efusivo de foguetes e morteiros. O Europa e o Formiga com um belo andamento seguiram para São Julião da Barra depois de terem passado próximo do Terreiro do Paço, Arsenal, Cais do Sodré, etc. onde se repetiram os vivas.

A bordo do Europa iam representando o directório os srs. coronel Xavier Pereira e José de Freitas, pela comissão organizadora César da Silva, Ciseiros de Faria e António Joaquim de Magalhães.

Pelo rio acima os vivas repetiram-se, sendo correspondidos e saudados alguns barcos pelas tripulações. Onde as manifestações se intensificaram, chegando ao auge foi em frente da fortaleza de São Julião da Barra. Dois fortes apitos ressoaram.

Os vapores pairaram às 14,20 horas dando a volta mais próxima do mosteiro que se ergue do mar para deter a liberdade do indivíduo. A massmorra que se avista tem três bocas, três frestas por onde aqueles que ali vivem recebem respiração. O mar bate nas rochas. O seu constante embate consegue enfraquecê-las... Um lenço branco escuro, sinal de candura, que sabe quantas lágrimas enxugara, indica que ali jaz, amargurado, um ente privado da liberdade. Em baixo passeiam as sentinelas, vigilantes, prisioneiras da disciplina e da lei, vítimas da sociedade.

Mais além deviam-se ver vultos humanos que se movimentam, correspondendo às manifestações que se fazem de bordo. Os morteiros atiram o espaço azulado. Está sendo prestada uma sincera homenagem aos detidos, que uma aspiração para um regime melhor ali o levou.

Essa manifestação foi delirante de aplausos. Uma prolongada salva de palmas se ouviu nos dois barcos, seguindo-se os morteiros. Os lenços brancos acenavam ininterruptamente; uma bandeira nacional hasteada próximo do edifício prisional faz os cumprimentos de saudação. Novos vivas ao partido e à revolução radical e aos presos políticos salientando-se eles aos srs. major Pires Falcão e tenente Vilhena.

Um «abaixo o Gaspar da viola» provocou a hilaridade dos presentes.

Depois os barcos fazendo ouvir as suas sirenes estridentes puseram-se a navegar em direcção à Trafaria, chegando ali às 15,20 horas. Na ponte uma enorme multidão aguardava os visitantes, recebendo-os com uma salva de palmas e vivas, e inúmeros morteiros que colocados na praia iam rebentando continuamente.

Nas janelas dum dos edifícios do presidio estavam os presos ostentando diversas bandeiras e panos brancos. Foi um delírio da multidão, que se aglomerava na ponte.

Continuaram os vivas, as palmas, os lenços agitados, os olhos fitos nos presos, que apenas alguns metros de distância e um alto e grosso paredão amarelado separavam do contacto de solidariedade que os seus correligionários lhes ia levar.

Um gesto de revolta invadiu aquela mole humana, quando teve conhecimento da proibição da visita aos presos. Imediatamente se dirigiu a multidão para um monte que fica por detrás do presidio, onde puderam contemplar os presos que se encontravam na parada. Estes, com as bandeiras bicolors encaminharam-se para a parte norte do edifício, donde puderam associar-se às manifestações que eram feitas com regosio.

Do alto do monte falaram diversos oradores, entre eles os srs. António Joaquim Magalhães, Eugénio Vieira, Armando Martins e Constantino Mendes, que atacaram com viedência a obra dos falsos republicanos, apodando-se de traidores aos princípios basilares do regime, contrastando as facilidades dadas aos monarquistas e os rigores usados para com os verdadeiros republicanos, que em breve as grades das prisões seriam abertas para libertar as vítimas da tirania governamental.

A multidão entou a «Portuguesa» e a «Internacional», tendo o capitão sr. Rocha da Veiga, abraçado Nacimento Cunha e José Soares e distribuindo pelas restantes presos dois ramos de flor-de-presídio. Com a bandeira republicana cruzava uma outra toda vermelha vindo de se a um canto o símbolo da república dos soviets: a foice e o martelo, empunhadas pelos presos. Foram lançados vivas às classes trabalhadoras e a Batalha.

Em seguida a enorme multidão abandonou pelas 16 horas para os vapores que partiu da Trafaria, meia hora depois com o mesmo entusiasmo.

Os presos da Trafaria pairam-nos a publicação do seguinte:

TRAFARIA, 6.—Os presos da casa da reclusão da Trafaria implicados nos últimos acontecimentos de carácter radical, agradecem a manifestação espontânea que lhe foi feita por parte do povo da cidade.

Os presos da Trafaria pairam-nos a publicação do seguinte:

TRAFARIA, 6.—Os presos da casa da reclusão da Trafaria implicados nos últimos acontecimentos de carácter radical, agradecem a manifestação espontânea que lhe foi feita por parte do povo da cidade.

Eden Teatro

HOJE, ÀS 21,30 DA NOITE
A PEÇA DA MODA
A deslumbrantíssima mágica

O BOLO REI

A todos agrada—O enlévo da petizada
«O Automóvel Misterioso»
«O Homem Burro»
«O Burro Homem»
Maravilhosos guarda-roupa e cenários

A Derrocada do Reino da Geringença
Crítica esultante, graciosa,
alegre e comunicativa

Os Trabalhadores de Imprensa

aprovaram ontem um veemente protesto contra a incorrecta atitude do sr. Ferreira do Amaral

Proseguiu ontem novamente a assembleia geral da Associação dos Trabalhadores de Imprensa. Antes do ordem dos trabalhos o sr. Adriano Costa em negócio urgente, referiu-se à forma incorrecta como a polícia trata os jornalistas, não respeitando até os cartões que são passados pelo próprio comissário geral. O sr. João Paulo Freire apresentou a seguinte moção, que foi aprovada por unanimidade:

«Considerando que os passes da imprensa passados pelo governo civil não oferecem validade alguma, o que ainda mais uma vez ontem se verificou nas estranhas ordens dadas à polícia pelo sr. comissário geral tenente-coronel Ferreira do Amaral; proponho que todos os jornalistas façam uso apenas da sua caderneta associativa; que se procurem tornar oficial pelo misterio do Interior e que será passada a todos os jornalistas de imprensa periodica e noticiosa, mesmo quando não associados e que se comunique oficialmente as empresas jornalísticas e ao comandante da policia que são essas cadernetas são validas.

Continuou, depois, o debate sobre a ordem do dia, tendo falado vários oradores. Foi aprovada uma moção determinando a reforma dos estatutos, tendo sido cometido esse encargo a uma comissão composta pelos srs. Acúrcio Pereira, Jaime Brasil, Pinto Quartim, Campos Lima e Joaquim Manso. Os trabalhos prosseguem na sexta-feira, às 17 horas.

Trabalhadores: LEDE «A BATALHA»

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne na sexta-feira, 10, pelas 21 horas, para continuação dos trabalhos pendentes da última reunião e que são do máximo interesse para a organização.

CONVOCAÇÕES

Federação Corticeira Nacional.

Reúne o Conselho Federal deste organismo que apreciou vário expediente dos sindicatos e deu o andamento requerido.

Entre outros os sindicatos foi resolvido que todos os sindicatos enviem com a máxima urgência para a federação tabelas de preços de mão da obra, nomes de firmas e números de operários das respectivas áreas.

Ocupou-se duma circular da C. G. T. sobre o congresso corporativo da industria corticeira, tendo tomado as deliberações que vão nontro lugar.

Sindicato Unico da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão Administrativa, sendo indispensável a presença de todos os componentes.

Secção Profissional dos Canteiros e Polidores de Mármore.—Reúne hoje, às 20 horas, na sede sindical e em assembleia magna, sejam ou não sindicados, os componentes da classe, a fim de, entre outros assuntos, apreciarem a tabela de salários elaborada pelos industriais de cantarias.

Dada a importância dos assuntos a tratar, todos devem comparecer na assembleia.

Interesses de classe

A exportação da cortiça em prancha

A indústria de cortiça prospera na Bélgica enquanto entre nós, país corticeiro definhando, lançando operários à miséria por falta de trabalho

Escreve-nos da Bélgica um português amigo da indústria um extenso artigo de protesto contra a exportação das nossas cortiças em prancha. Por ser assunto por que a classe corticeira não se tem interessado e se interessa ainda, damos-lhe a estampa apenas eliminando períodos que em nada alteram a exposição do autor e que apenas o tornam mais compatível com o espaço de que dispomos:

Sr. Redactor:—Peço a fineza de inserir no seu jornal o que passo a expor, para que a classe corticeira e os pequenos fabricantes de Portugal, que da cortiça vivem, fiquem sabendo como os nossos governantes matam a indústria corticeira no nosso país, consentindo que ela se desenvolva cada vez mais nos países estrangeiros.

A imunda política pessoal e de campanário, em que os nossos governos passam o melhor do seu tempo, cegos e surdos às questões económicas e aos mais vitais interesses da nação, vai reduzindo à impotência industrial e à fome os milhares de operários e de fabricantes, que tinham na cortiça o seu ganha-pão profissional.

Os governos da república, como os da monarquia, aliás, nesta questão da cortiça estão cometendo uma verdadeira traição contra o Povo, um autêntico e infamíssimo crime de «les-pátria», o que não cede a dizer que não encham a boca, constantemente, com o seu grande amor pela pátria e com a sua dedicação pelos interesses do Povo, que os sustenta.

Infelizmente, os factos não correspondem aos seus protestos de devoção à causa pública.

Aqui na Bélgica, por exemplo, sucede que de há meia dúzia de anos a esta parte se têm multiplicado as fábricas de cortiça, mantidas com matéria prima de Portugal, e que os negociantes do artigo se recusam absolutamente a comprar os nossos produtos manufacturados. Dizem eles que têm toda a vantagem em fabricar na Bélgica, visto que os direitos de entrada sobre os quadros e as rolhas são cada vez mais pesados, ao passo que se favorece a importação da cortiça em prancha. Deste modo, em poucos anos, a indústria belga da cortiça tem preparado um número de operários e de operárias, mais ou menos habilidosa, mas sempre suficiente para garantir o funcionamento das fábricas de quadros e rolhas, que se têm estabelecido e que se vão estabelecendo neste país.

Há por aqui pequenas terras de província (não falado agora nos grandes centros) onde a fabricação de quadros e rolhas dá que fazer a uma centena e mais de operários de ambos os sexos. E ao passo que a indústria corticeira de lá ganha terreno e se desenvolve, aqui os nossos produtos manufacturados, chegando a dar trabalho a uma centena de operários em terras minúsculas, os centros corticeiros portugueses definhando, as fábricas desaparecem e os nossos operários vêm-se a braços com a miséria!

Éis o quadro revoltante a que nos conduz a indiferença ou a incompetência dos poderes constituídos em Portugal!

A Bélgica é um país plétórico de riqueza e de indústrias rendosas. Sempre passou sem a indústria corticeira, e sempre passaria muito bem sem ela, se

OS SENHORIOS

sofismando a nova lei, pretendem conseguir exorbitantes aumentos das rendas

José Dionísio Nobre comprou, há pouco mais de um ano, as casas barradas do púlio do Bairro, aos Prazeres, aumentando imediatamente e ilegalmente as respectivas rendas, que de novo pretende aumentar por forma exorbitante e sofismando a recente lei de Inquilinatos.

Pela renda de uma casa que em 1914, era de 6000 exige agora 60000, por outra que era de 1800, exige 25000 e assim sucessivamente, como se diz nos compêndios escolares...

Sabemos que a grande maioria dos inquilinos estão dispostos, muito acertadamente, a depositar as rendas na Caixa Geral dos Depósitos, desde que o ambicioso senhorio não aceite as rendas conforme a lei estipula.

O novo senhorio do prédio n.º 23 da rua dos Cordeiros parece disposto a reaver vertiginosamente o dinheiro emprestado com a compra e, assim, está exigindo aos inquilinos rendas muito mais elevadas do que é demarcado na lei.

A um deles, por exemplo, exigiu 50000, quando estava pagando 15000 e a renda do seu andar era, em 1914, de 4500.

Os inquilinos é que não estão resolvidos a satisfazer a ganância do sujeito e trataram de depositar as rendas na Caixa Geral dos Depósitos.

O senhorio que por vezes tem recebido propositadamente os inquilinos que vão reclamar contra as exorbitâncias exigidas, vai fazendo uma hipotética visita por peritos da Câmara Municipal no intuito evidente de assustar...

Ver o folhetim na 4.ª página

Dr. Pedro Vallina
Doenças do tórax e pulmões
CLÍNICA GERAL
Consultas: Quintas-feiras e sábados, das 21 às 23 horas
na Travessa da Água de Flor, 16, 1.
Chamada: rua Gomes Freire, 142-B, 2.

LEIAM

Os Mistérios do Povo

Está à venda a 2.ª série

PREÇO 5\$00

Os que morrem

Em São Tiago do Cacém, faleceu no dia 2 do corrente mês, o enfermeiro dos Hospitais Cívicos de Lisboa, Policarpo António de Oliveira. O extinto que contava 65 anos de idade, era irmão do sr. José Luís Carlos de Oliveira, enfermeiro-chefe do Banco do Hospital de São José. O falecido durante muitos anos, esteve prestando serviço no hospital do Cartaxo, em comissão, tendo depois ido, a requisição da Misericórdia de São Tiago do Cacém prestar serviço para o hospital daquela localidade, onde faleceu.

FALECIMENTOS

Em São Tiago do Cacém, faleceu no dia 2 do corrente mês, o enfermeiro dos Hospitais Cívicos de Lisboa, Policarpo António de Oliveira. O extinto que contava 65 anos de idade, era irmão do sr. José Luís Carlos de Oliveira, enfermeiro-chefe do Banco do Hospital de São José. O falecido durante muitos anos, esteve prestando serviço no hospital do Cartaxo, em comissão, tendo depois ido, a requisição da Misericórdia de São Tiago do Cacém prestar serviço para o hospital daquela localidade, onde faleceu.

A BATALHA

NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

PONTE DO LIMA

O «modelar» procedimento dum senhorio ganancioso, velhaco e insensível

PONTE DO LIMA, 3.—Os senhorios vêm cometendo por toda a parte crimes de todo o tamanho. Com a ajuda das autoridades, que colocam acima da lei o dinheiro, expulsam violentamente dos «seus» prédios os inquilinos para lhes meterem outros que lhes oferecem maiores alugueiros e pensões, quando os atuais prédios tinham terras de cultivo.

Foi o que sucedeu ultimamente ao inquilino, ou melhor, caseiro António Pires. Trazia uma quinta arrendada na freguesia de Arca por 100 alqueires de milho, há alguns anos, ao sr. Benjamim da Cunha, mais conhecido por Benjamim Ferrador. Lá porque outro caseiro, inconsciente e traidor (é inconsciente e traidor todo aquele que aliração o seu companheiro de trabalho) lhe ofereceu maior pensão pela tal quinta do que a que lhe pagava o António Pires, os sejam 60 alqueires de milho a mais, o sr. Ferrador, que é um verdadeiro reaccionário monárquico e um autêntico explorador, ferrou-lhe uma flagrantíssima injustiça: mandou-o citar por um laudo da justiça para ele lhe pagar 15 alqueires de milho que lhe devia da pensão do ano passado. E como aquele não satisfizesse o tal pagamento no prazo de 5 dias a contar do dia da citação, como manda o artigo 70.º, parágrafo 2.º do decreto n.º 5411, de 17 de Abril de 1919, ou porque desconhecesse este decreto, ou porque não lhe fosse possível arranjar o dinheiro no prazo acima referido para pagar ao sr. Ferrador os tais 15 alqueires de milho, este bateu palmas radiante de alegria e, quasi logo após, foi novamente bater à porta da senhora «justiça».

Porém, não obstante a satânica resolução do «Ferra dore...» o António Pires ainda foi ter com ele, findo aquele prazo para lhe pagar em dinheiro o milho em questão, mas ele recusou a receber, assim como a receber-lo se recusou em outra ocasião anterior à tal citação, sobre a resposta matrieira de que tinha tempo...

E na manhã do dia 25 de Setembro, foi o pobre Pires intimado a pôr os tarcos na rua por um oficial de diligências, que entrou em sua casa, ou melhor, numa pequena choupana onde habitava com sua mulher e filhos, sem sua prévia autorização, apesar do artigo 189.º do Código do Processo Civil dizer explicitamente que nenhum «empregado encarregado da citação ou intimação

pode entrar em casa da pessoa que tiver de citar ou intimar sem permissão dele».

Nesse mesmo dia, porém, foi o António Pires procurar o sr. Benjamim Ferrador a fim de o deixar ficar na «sua» choupana e na «sua» quinta. Pediu-lhe «pelas almas»; disse-lhe que lhe dava os 15 alqueires de milho que lhe devia da pensão do ano passado; fez-lhe ver que tinha muitos filhos para sustentar e que lhe não era possível arranjar por enquanto casa para onde ir morar; abraçou-se, enfim, a ele a vêr se condoia de si e dos seus e o deixava ficar na tal choupana e na tal quinta.

Mas nada conseguiu. O sr. Benjamim Ferrador respondeu-lhe negativamente. Disse-lhe, numa desculpa de mau pagador, que o que ele Pires, agora lhe pedia, não era consigo, mas sim com a justiça...

O pobre do Pires retirou-se, então, do pé do sr. Ferrador, senhorio velhaco e de arcabouço de ferro e coração de pedra, melancólico, triste...

E na noite do dia em que fora obrigado a pôr os trastes fora da choupana onde habitava, dormiu aquele trabalhador mais sua mulher e filhos ao relento, próximo da tal choupana, enquanto o sr. Benjamim Ferrador descansava refasteladamente no «seu» palácio entre finos e alvos lençóis.

Este caso, não é o primeiro que se dá, é certo, mas encontramos nos revoltos com ele, porque sentimos quanto ele tem de injusto e a angústia que vai nos corações dessas pobres vítimas da sociedade...

Se a quinta do referido senhor não tivesse outro pretendente, o António Pires, não seria tão expulso. Esse pretendente é um trabalhador, que lhe ofereceu maior pensão para ir para lá, mas ver-se-á ainda intrujido pelo Ferrador como o foi o Pires—que apenas guardou para si a parte do vinho e das maçãs que lhe pertenciam. O milho, que é um dos principais alimentos dos pobres depois de transformado em farinha e pão, já não o colhe, pelo facto de terminar o ano agrícola no dia 29 de Setembro...

«Os filhos daquele trabalhador passarão fome de pão se o seu senhorio não lhe der a parte de milho que lhe pertence. Passarão fome e essa fome «provocará» decreto a revolta na alma do pai...»

E tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

Os operários corticeiros desta cidade são ignóbilmente explorados — O industrial Burgos, o mais vil dos exploradores

CASTELO BRANCO, 2.—Só o operariado de Castelo Branco, misérrimo escravo, pode admitir que sobre ele se exerça tanta exploração, que o tratam como «carneiro». Só trabalhadores inconscientes, dominados pelas mentiras do padre, desconhecedores em absoluto da sua força e incapazes de avaliar aquilo que produzem, seriam capazes de supelular um tão martirio horrível de virer morrendo lentamente de fome, sem soltarem um brado de protesto sem oporem a sua força industrial às habilidades mesquinhas do patronato.

Como já tivemos ocasião de aqui afirmar, nesta região há muitos trabalhadores auferindo um salário de 6000 e 7500 diários.

Dar na época actual 6000 e 7500 diários a um trabalhador é a maneira mais criminosa e vil de se zombar da miséria, de se zombar da inconsciência dum indivíduo que não se conhece, que não conhece o valor da sua força e que portanto inconsciente e inocentemente se sujeita à exploração que sob ele exerce.

Trabalhadores, a fome não tem lei.

E se houvesse algum bandido que nos acusasse ante a nossa justa revolta motivada pelo facto de nos sentirmos, e os nossos, todos pela fome nós sentir-mos-lamos tranquilos ante essa acusação, porque crime monstruoso é o daqueles que nos querem sujeitar à inqualitável tortura de nos matarem pela fome. Os trabalhadores de Castelo Branco, em vez da igreja, onde padres vicieirosos e vendidos à burguesia, os impelem para a escravidão, lhe quebram as forças entorpecem as suas qualidades de luta e embotam a consciência e as fracas reminiscências da sua inteligência, de vem antes procurar os sindicatos, onde ou convivio com camaradas que sofrem dos mesmos males criem um necessário espírito de luta, uma força grande e consciente e afirmam a inteligência de forma a saberem ver as ocasiões em que pretendem feri-los nos seus direitos.

Os trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando do

trabalhadores rurais são os que nesta região vêm sendo sujeitos à maior exploração. Mas os trabalhadores dos restantes ramos pouco mais felizes são. Na indústria corticeira o operariado aqui é fortemente explorado em relação ao operariado das mais terras.

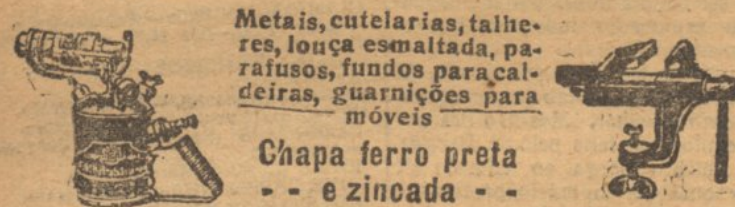
Se tudo isto porque o operariado não se tem sabido impor por forma, a saber ao mesmo fazer cumprir, as conquistas levadas a cabo pela federação. Sobre todos, destaca-se a exploração do industrial Burgos, o célebre Burgos a que por vezes já nos temos referido, aquele Burgos que não gosta de ver o nome nos jornais. Este «bicho», fina flor da burguesia, tem usado todos os processos para explorar os seus operários. No último movimento grevista o pessoal da fábrica Burgos, veio também para a luta, do que Burgos ficou altamente descontente, pois afirmara, quando

Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias em mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Valério, Lopes & Ferreira, L.^{da}
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheiros, louças esmaltadas, parafusos, fundos para caldeiras, guarnições para móveis

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

TELEFONE 3930, N. 1 gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 -- LISBOA

CALÇADO

A Sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos em verniz, abotinados, salto Luis XV, a 7\$000 botas em calif, preto, forma da moda, a 2\$000 as solas corridas, cujo valor é de 10\$000, a 30\$000 sapatos de verniz abotinados e c. IX, para senhora, cujo valor é de 6\$000, a 55\$000 sapatos de calif cor da moda, cujo valor é de 8\$000, a 59\$50 grande lote de botas, calif preto, forma bróa, cujo valor é de 7\$000, a 60\$000 sapatos de verniz, decorados, para senhora, cujo valor é de 7\$000, a 70\$000 botas calif preto cano de cor, forma da moda, a solas corridas, cujo valor é de 8\$000, a 30\$000 grande lote de sapatos, calif cor, para senhora, abotinados e c. IX, salto de pau e de sola.

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e bolas, muito mais baratas que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

IMPORTANTE

EGURO MARITIMOS

«A MUNIAL» participa a todos os seus clientes que celebrou contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes.

Dirigir-se a



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital Integramente realizado, Esc. 500.000\$000 -- Reservas, Esc. 749.051\$50,9

SEDE EM LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95 -- Tel. 3891

R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

PURGAÇÕES
E
PROSTATITES

Curam-se radicalmente na Farmácia Ultramarina - Rua de São Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou recentes curam-se sempre.

TINTA DE ESMALTE

AMARELO-CINZENTO

AZUL-COR DE ROSA

SALMÃO-CORAL

Preço por quilo 15\$00, em latas de 1 quilo, 1/2 quilo, 250 e 100 gramas

A. Vincent - Rua Ivens, 56 - Lisboa

Pedras para
isqueiros

A melhor marca do mercado - Redondas ou em prancha - Fornecidas aos quilos ou em envelopes com 100 ou em tubos de vidro

Pedidos ao importador:

J. V. Oliveira Júnior

Rua da Prata, 178, 1.º

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Serviço dos Armazéns Gerais

Concurso para adjudicação da compra de óleo de linhaça

ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 10 do próximo mês de Outubro pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede n.º 63, as Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 8.000 quilos de óleo de linhaça crú, genuíno.

Para ser admitido a licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 1.000\$000.

Concurso para a adjudicação da compra de carboreto de cálcio

ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 11 do próximo mês de Outubro pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Mamede n.º 63, as Caldas, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 15.000 quilos de carboreto de cálcio.

Para ser admitido a licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 15 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito provisório de 1.000\$000.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 1550 devidamente inutilizado.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório com a quantia necessária para fazer 5 0/10 da importância total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um depósito definitivo, que ficará a ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermédio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral dos Depósitos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço dos Armazéns Gerais, calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas. Lisboa, 22 de Setembro de 1934.

O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazéns Gerais, (a) Feio Terenas,

Fatos completos

Actualmente liquidação de saldos das estações anteriores para homem

FATOS desde 179\$00

SOBRETUDOS desde 179\$00

IMPERMEAVEIS desde 175\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 49\$00

Setins, metro desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

ALIANÇA

A MELHOR MARCA DE

Bolacha Biscoito Chocolates Confeitarias Açucares Massas

SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA LISBOA-PORTO

Papel "Águia de Ouro"

É o melhor papel de fumar para os trabalhadores Excelente apresentação, em livrinhos de 120 folhas PEDIR EM TODA A PARTE

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem material sem consultar a Aluminante Avenida Almirante Reis, 6 - Telefone Norte 1323.

Ao Povo!

Fabrico manual de calçado e polainas

ENCARREGA-SE de todos os trabalhos referentes à arte; preços convidativos, descontos aos revendedores. Félix Sant'Ana Marques - Rua Arco Marquês de Alegrete, 78, 1.º. Aceita-se sócio capitalista e conhecedor.



JUNGHANS - RADIUM

UNICOS IMPORTADORES

COTRINS & AFONSO, L. DA

Lisboa - Rua da Prata, 173, 1.º

Despertadores, Relógios de parede e mesa, Carrilhões, Relógios de bolso e automóveis e de bolso.

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

É inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorrágico

É o mais poderoso combatente das blenorragias crónicas ecentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 - PORTO

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 - LISBOA

A AGENCIA ALMEIDA

Faz grandes descontos a quem for sócio ou confederado na C. G. T. ou assinante de A Batalha e suas filiais.

Funerais nos Hospitais, Morgue e particulares. Transferências-córreas. Preço muito reduzido por possuir todos os utensílios. - Telef. 78-Benfica. - R. Alves Correia, 189 (Vulgo São José). - Empregado a qualquer hora da noite.

A's fábricas de calçado e armazens de cabedais

PESSOA séria, conhecedora do artigo e boas referências, encarrega-se de vendas a comissão, tem escritório e armazem próprio, para calçado e cabedais, (Informações), Rua Arco Marquês de Alegrete, 78, 1.º. Aceita-se sócio capitalista e conhecedor.

A'

grande baiva de calçado

só com o lucro de 10 %

NA - SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30\$00

Sapatos em verniz 38\$00

Botas pretas, (grande salto) 48\$50

Botas brancas, (salto) 28\$00

Grande salto de botas pretas 28\$50

Botas de cor para homem 46\$50

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Vêr bem, pois só lá se encontra bom e barato.

A SOCIAL OPERARIA é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua n.º 69.

SISCOLIN

TINTA A AGUA EM PÓ

INGLESA SEM RIVAL

DEPÓSITO:

Rua dos Douradores, 177, 1.º

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Esmalte Inglês

SUPERIOR em 44 cores

QUALIDADE ESPECIAL PARA AUTOMOVEIS

DEPÓSITO:

Rua dos Douradores, 177, 1.º

Banco de Portugal

Concurso para caixeiros-ajudantes

Até ao dia 23 de Outubro p. t. receber-se na sede do Banco pedidos, para admissão a este concurso, de indivíduos habilitados com cursos oficiais do comércio, curso complementar das licenças, que satisficam as condições patentes ao Banco.

Também serão admitidos indivíduos com qualquer desses cursos incompletos, que provarem ter pelo menos três anos de boa prática comercial.

Os vencimentos (ordenado e subvenção) dos caixeiros-ajudantes são inicialmente de Escudos 630\$00, tendo esses empregados direito a promoção e outros benefícios que o Banco eventualmente concede.

Lisboa, 23 de Setembro de 1934.

Pelo Banco de Portugal

Os directores:

(a) José Caeiro da Mata

(b) António José Pereira Júnior

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu melo; novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa, A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: - 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: - Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 1.º-A

2.º Sucursal: - Rua do Corpo Santo, 29

3.º Sucursal: - Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Leiam "O Suplemento de A BATALHA,"

MOVEIS E ESTOFOS

FREDERICO FERREIRA

ESTOFADOR e DECORADOR PROFISSIONAL

Mobiliás de casa de jantar, quarto, sala e escritório. Encarrega-se de todo o trabalho concernente à sua arte, pelo sistema inglês, assim como olear e ornamentar casas completas

Antigo fabricante de MAPLES em todos os géneros

Rua Passos Manuel, 41 e 43 - Telef. N. 1359

falam como pegas e têm tantos miolos como os tais passarinhos... Eleutério disse muitas vezes como outros dizem: «Ah! eu desejaria antes a liberdade do que ver-me preso na oficina desde o alvorecer até à noite!» E' isso o que estes rapazes chamam as confidências; perdoe-lhe pois; de mais, Ricariko, deve ter em conta que a nossa santa senhora Merofides está impaciente de possuir o vaso; ora, se mandar castigar os meus aprendizes, gastarão eles mais tempo em friccionar as costas do que em manejar a lima e o martelo, e o nosso trabalho não adiantará como se require.

—Pois seja assim, serão castigados mais tarde, porque é preciso não somente que tu e eles trabalhem de dia, mas também de noite; de dia farão obra no oiro e na prata; à noite polirão o ferro.

—Que queres dizer?

—Esta noite deverão trazer para esta casa armas que mandei comprar em Nantes.

—Armas! disse o velho muito surpreso armas! pois os árabes ainda ameaçavam o interior da Gália?

—Velho, esta noite enviar-te-hão algumas armas, cuida bem em que as lanças fiquem bem aguçadas, as espadas bem afiadas e os machados bem amolados, não te importe o resto. E' a hora em que os escravos costumam trazer os seus foros. Segue-me a fim de verificares se aqueles ladrões me pagam com dinheiro falso.

O velho ouzives, saindo da oficina com Ricariko, seguiu-o para debaixo de um imenso telheiro situado fora da abadia. Ali estavam reunidos quase todos os escravos e colonos, que vinham ao mosteiro pagar os seus foros. Havia quatro dias no ano determinados para o pagamento dos grandes foros. Nessas épocas os produtos das terras, tam penosamente cultivadas pelos gauleses, afluiam à abadia; a abundância e a ociosidade imperavam deste modo naquele santo lugar, assim como em outros mosteiros, enquanto as populações subjugadas, que, pelo seu pesado trabalho, eram as únicas que produziam esta abundância,

apenas se viam abrigadas debaixo de choupanas de terra amassada e de caniços, vivendo no meio de uma miséria atroz.

O velho ouzives e o administrador da abadia de Meriadek, dirigiram-se ao imenso telheiro, onde estavam reunidas todas as riquezas variadas de uma terra fecunda, riquezas que teriam podido assegurar o bem estar daqueles que as tinham criado à força de suores e de privações; e entretanto esses vinham religiosamente, na sua submissão católica, aumentar o superfluo da madracaria abacial, privando-se do necessário. Nada era ao mesmo tempo mais triste e mais animado do que esse quadro de um dia de pagamento de foros: esses homens dos campos, apenas vestidos, cuja magreza traía o infortúnio, chegavam, trazendo às costas ou conduzindo carros cheios de produtos os mais numerosos e os mais variados. Ao ruído tumultuoso da multidão, juntavam-se os balidos dos carneiros e dos vitelos, os grunhidos dos porcos, os mugidos dos bois, o piar das aves de pena, animais que os foreiros traziam ou conduziam vivos; outros curvavam-se debaixo do peso de grandes cestos cheios de ovos, de queijos, de manteiga ou de bolos de mel; outros rolavam tonéis de vinho, conduzidos até à abadia sobre uma espécie de trenó; em outra parte descarregavam carros dos seus pesados sacos de trigo, de cevada, de centeio, de aveia ou de grão de mostarda. Ali se amontoava o ferro e a palha, mais longe estavam pilhas de lenha ou de madeira, tais como barrotes, táboas estreitas, ripas e estacas para as vinhas e para os ripados; os escravos florestais traziam gamos, javalis e caça destinada para o fumeiro; os colonos conduziam pela trela galgos para as caçadas e que eram obrigados a criar, ou traziam dentro em gaiolas falcões e gaviões, que iam buscar aos ninhos para a falcotaria; outros, taxados em um certo número de arcaites de ferro e de chumbo, necessários para a conservação dos edificios da abadia, traziam estes metais; mais longe, viam-se peças de pano de linho, balotes de lã ou de ranhamo para fiar, imensas fazendas

de sarja, rolos de peles de carneiro, de boi ou de vitelo, atados com correias e preparados para a mão de obra.

Também havia foreiros encarregados de fornecer uma certa quantidade de libras de cera, de azeite, de sabão e até de archotes de madeira resmosa, cestos, vimes, cordas, machados, enchedas e outros instrumentos aratórios.

Ricariko assentara-se num dos cantos do telheiro, junto da meza, para receber as taxas em prata dos colonos retardatários enquanto muitas irmãs rodeiras do mosteiro, vestidas com os seus hábitos pretos e cobertas de véus brancos, andavam de grupo em grupo, tendo na mão um pergaminho onde inscreviam os foros de cereais. O velho ouzives, em pé junto de Ricariko, examinava um por um os soldos ou os dinheiros, de prata e de cobre, que davam em pagamento os foreiros, e achava todas as moedas de bom toque; receava, se recusasse alguma, expor aquela pobre gente aos maus tratamentos, porque o administrador era um homem desumano.

Os colonos, que não estavam no caso de pagar nesse dia, formavam um grupo bastante numeroso, esperando com ansiedade que chamassem por eles; muitos iam acompanhados de suas mulheres e de seus filhos; aqueles que podiam pagar a sua taxa, tendo a satisfação, Ricariko chamou em voz alta Sebastião. O colono adiantou-se todo trémulo, acompanhado de sua mulher e de seus dois filhos, tam miseravelmente vestidos como ele.

—Não só tu não pagaste o teu foro avaliado em vinte soldos de prata, disse o administrador, mas a semana passada recusaste conduzir em carro lã, panos de linho e peles curtidas, que a abadessa mandava vender a Rennes.

—Ah! senhor, se não paguei o meu fóro, é porque pouco tempo antes da ceifa o vendaval me deu a perder os trigos. Eu poderia colher alguma coisa se eles tivessem sido ceifados a tempo; mas os escravos que cultivam comigo, foram requisitados, cinco de

cada sete dias que tem a semana, para trabalharem nos novos ripados do parque da abadessa e para limparem um dos tanques. Sósinho, eu não podia ceifar o campo; sobrevieram grandes águas, o trigo germinou debaixo da terra e a colheita perdeu-se. Restava um campo de cevada, menos estragado pelo vendaval; mas esse campo é próximo da floresta da abadia, e os veados, como succedeu o ano passado, destruíram-me a colheita.

Ricariko encolheu os ombros e acrescentou:

—Tu deves além disso seis carradas de palha e não as trouxeste; contudo, as planícies do domínio que cultivas são excelentes; podias com o excedente das seis carradas arranjar dinheiro.

—Ah! senhor; eu nunca vejo o primeiro corte desses prados; os rebanhos que pertencem à abadia pastam nas minhas terras desde a primavera; se, para os guardar, eu meto escravos, uma vez os do mosteiro lhes batem, outras vezes succede o contrário; mas sempre me faz falta o braço deles. Demais, o senhor, bem sabe que quasi todos os dias se paga o fóro pessoal; hoje devemos arranjar as vinhas da abadia, amanhã lavrar, gradar, semente as suas terras, dar carradas das suas colheitas e construir os seus ripados: é preciso, além disto, cavar fossos quando a abadessa receia que o convento seja atacado pelos bandos errantes. Também nos foi necessário andar de ronda... Por isso, que queres o senhor, uma vez que de cada três noites somos obrigados a velar duas pela segurança da abadia, e que se é preciso trabalhar logo de madrugada, a fadiga é grande e nos falta o tempo?

—E as carradas que tu recusaste?

—Recusei! não senhor; na ocasião da última carrada, que os meus cavalos deviam trazer em serviço da abadia, um deles rebentou em consequência da carga ser pesada e do longo trânsito...

—Visto isso, só tens um cavalo? Como hás de cultivar as tuas terras? como pagarás os foros que deves e os do ano que vem?

—Ah! senhor: estou cruelmente embaraçado; trouxe